

Fernando Molica

Mujica foi um doce e necessário radical

Morto ontem, aos 89 anos, o ex-presidente uruguai José "Pepe" Mujica não deveria ser ídolo apenas da esquerda, mas de todas as pessoas de bem — e isso, não por uma questão ideológica. Ele foi um raro exemplo de alguém que, mais do que a uma causa, dedicou-se à vida. E o fez de uma maneira radical, no melhor sentido da palavra.

Sua biografia parecia não se encaixar na figura daquele velhinho simpático e bonachão que, embora presidente da República, vivia num sítio muito simples em companhia da mulher, de uma cadelinha de três pernas e de um fusca. As aparências enganavam: ele nunca foi quietinho nem comportado.

Um dos tantos jovens latino-americanos encantados pelos ventos que sopraram da cubana Sierra Maestra, Mujica embarcou num projeto revolucionário no fim dos anos 1960, processo que se tornaria mais agudo depois da implantação da ditadura cívico-militar, em 1973. Preso, foi torturado, ficou isolado do

mundo por 14 anos.

Libertado na redemocratização, Mujica soube se reciclar, trocou a adesão a uma impossível luta armada por uma proposta ampla, inclusiva, mais sintonizada com o sentimento da maioria da população. Uma postura também radical, que embutia a humildade de reconhecer erros.

O viés político de sua trajetória impede muita gente de vê-lo com admiração e carinho — afinal de contas, foi um extremista que entrou para uma organização armada de esquerda. Mas não é preciso concordar com seus métodos e visões de mundo para nele reconhecer um homem digno.

Radical como Mujica nos desafiam, despertam inevitáveis reflexões sobre o que leva aqueles rapazes e aquelas moças a, aos nossos olhos, abrirem mão de suas vidas em nome de uma causa. É mais ou menos quando olhávamos para o papa Francisco e, agora, encaramos Leão XIV. Por que, em plena juventude, ele decidiram trocar o que julgamos ser a vida por caminhos duros, cheios de li-

mitações, desafios e riscos?

Talvez porque, como disse Paulinho da Viola, a vida não é só isso que se vê. Temos diferentes maneiras de encarar o presente e o futuro — nem nossas versões do passado coincidem. Há os que — certos ou errados — decidem que não dá para se ter uma vida plena num mundo tão desigual, Mujica foi um deles.

Mas a opção pela luta armada e a posterior conversão a um projeto institucional não foram os fatos que mais supreenderam o mundo, muita gente já fez isso. O que nos assustou mesmo foi sua decisão de recusar todos os parangóis que caracterizam o poder.

Talvez por herança dos ritos monárquicos, nos acostumamos a associar cargos de comando ao luxo; normalizamos palácios, jatinhos, aposentadorias precoces e generosas, salários cheios de penduricalhos. Acabamos perdendo de vista algo que deveria ser básico: o governante é um funcionário público, alguém que, por vontade própria, decidiu trabalhar pelo bem comum (ou que, pelo

menos, deveria fazer isso).

A pobreza de Mujica, que ainda doava boa parte do seu salário presidencial, era quase agressiva. Ele jogava na nossa cara o tamanho da doideira consumista, que exaure a natureza, que torna pobres cada dia mais pobres e faz com que bilionários não tenham a menor ideia de que fazer com tanto dinheiro.

Mujica não tinha razão de se envergonhar de seu carro, de sua casa pra lá de modesta, de suas roupas velhas. Velho sapeca, militante mais do que rodado, ele deveria saber que o efeito era o inverso: seus colegas políticos é que certamente ficavam constrangidos ao perceber a cufonice explícita dos símbolos de poder que tanto gostam de ostentar.

No fim das contas, e apesar de todos os sofrimentos, Mujica parece ter sido um homem feliz. Desceu aos infernos, ressuscitou pra vida, amou, foi muito amado, continuará a ser muito querido. Conquistou o direito de ser um homem comum — e, portanto, excepcional.

EDITORIAL

Ex-diretor do BC 'detona' meta federal

A expectativa de que o crescimento sustentável da economia, em torno de 3% ao ano, poderia ocorrer de forma indefinida, aparentemente 'ignorando' sequelas previsíveis como a escalada da inflação ou agravamento das contas externas, é um erro. A crítica do economista e ex-diretor de Assuntos Internacionais do Banco Central (BC) e columnista do Estadão, Alexandre Schwartsman, foi disparada na direção do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, ao abordar as perspectivas da atividade no curto e médio prazos.

"Tal afirmação está errada, provavelmente porque o ministro não entende o significado de crescimento sustentável, ou, como se diz no jargão, 'potencial'", completou.

Embora reconheça que a economia nacional cresceu, em média, 3,2%, nos últimos três anos, Schwartsman argumenta que, "para este ritmo ser considerado sustentável, não poderia reduzir o grau de ociosidade da economia de forma persistente. A mera inspeção dos indicadores sugere não ser este o caso".

Para ilustrar sua avaliação, na contramão do Executivo, o ex-diretor do BC explicou que

a despeito da queda — de 13,5% para 6,9% do desemprego na força de trabalho tupiniquim, entre 2021 e 2024 — também houve avanço significativo, de 79,4% para 82,1%, da utilização da capacidade instalada na indústria, apontam dados da FGV (Fundação Getúlio Vargas). "Em ambos os casos, as medidas sugerem que o crescimento se deu pela ocupação de recursos que se encontravam ociosos na saída da pandemia, mas 'cedo ou tarde a ociosidade desaparece, com aceleração da inflação e do déficit externo'".

Para o ex-diretor da autoridade monetária, enquanto o 'núcleo da inflação' — que exclui do cálculo do IPCA, fatores sazonais — saltou de 3,5% para 4,9%, de junho de 2024 a abril deste ano — o déficit externo do país subiu de 1,1% do PIB para 3,2% do PIB, entre março de 2024 e igual mês de 2025. Nesse intervalo, diz ele, a capacidade ociosa da economia teria se esgotado.

Por fim, Schwartsman esclarece: "Vale dizer, nosso crescimento potencial é bem mais baixo do que supõe o ministro, e sua política de impulsionar a demanda pelo aumento do consumo e do gasto público apenas deixou esta vulnerabilidade mais clara".

MASP traz Monet em chance de ouro

O acesso à arte deve ser sempre incentivado, principalmente quando se trata dos grandes clássicos, capazes de inspirar gerações de novos artistas e fazer o povo refletir.

Por isso, vai começar uma oportunidade de ouro em São Paulo nesta semana. O MASP — Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand anuncia a exposição A Ecologia de Monet, apresentando uma leitura contemporânea sobre a relação de Claude Monet (1840–1926) com a natureza, as transformações ambientais, a modernização da paisagem e as tensões entre ser humano e natureza. A exposição apresenta obras que perpassam grande parte da carreira do artista — das décadas de 1870 até 1920 —, revelando diferentes momentos de sua relação com a paisagem e com o meio ambiente. Em cartaz de 16 de maio a 24 de agosto de 2025, a exposição reúne 32 pin-

turas do impressionista francês, sendo a maioria inédita no hemisfério sul.

Com curadoria de Adriano Pedrosa, diretor artístico, MASP, e Fernando Oliva, curador, MASP, e com assistência de Isabela Ferreira Loures, assistente curatorial, MASP, a exposição aborda diferentes aspectos da relação de Monet com a ecologia em cinco núcleos: Os barcos de Monet; O Sena como Ecossistema; Nebulosa e Fumaça; O Pintor como Caçador; Giverny: Natureza Controlada.

Todas as exposições temporárias do MASP possuem recursos de acessibilidade, com entrada gratuita para pessoas com deficiência e seu acompanhante. São oferecidas visitas em Libras ou descriptivas, além de textos e legendas em fonte ampliada e produções audiovisuais em linguagem fácil, com narração, legendagem e interpretação em Libras.

Opinião do leitor

Amor de mãe

Mãe é a protetora nos obstáculos. Mãe é quem alimenta esperanças e otimismo. É ela que abranda o coração nas aflições. Mãe é quem deixa de comer para dar aos filhos. Mãe não dorme enquanto o filho não chega. Mãe é a fortaleza que navega no espírito do filho. Mãe é o porto seguro da dignidade.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

OUTRAS PÁGINAS NO BRASIL E NO MUNDO

José Aparecido Miguel (*)

Governo começa a notificar aposentados vítimas de descontos indevidos

1 - APPLICATIVO DO INSS vai informar segurado que teve desconto no benefício. A partir do dia 13 de maio, os aposentados e pensionistas do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) que tiveram descontos no seu benefício por associações começam a ser notificados pelo aplicativo "Meu INSS" ou telefone 135. O INSS disponibiliza mecanismo, no próprio aplicativo, para que o beneficiário peça o resarcimento dos valores descontados indevidamente. O beneficiário precisará contestar o desconto. O ressar-

cimento não será automático. A informação foi antecipada pela coluna de Andreza Matais no UOL. Primeiras devoluções já começam no final do mês. Os resarcimentos de valores vão ocorrer entre 26 de maio e 6 de junho, segundo nota do INSS ao UOL, e se refere às mensalidades de abril. (...) (UOL)INSS. Instituto Nacional de Seguro Social: Governo começa a notificar aposentados vítimas de descontos indevidos. Beneficiários que receberem aviso poderão, no próprio aplicativo da Previdência, pedir

ressarcimento de valores. Por Thaís Barcellos. (...) (O Globo)

2-FERROVIA BIOCEÂNICA. Lula pode voltar ao País sem atrair chineses para ferrovia bioceânica. Integrantes da delegação ministerial já indicam que empresas da China tendem a levar mais tempo para avaliar projeto de infraestrutura estratégica na América do Sul. Por Felipe Frazão. A delegação brasileira pediu que estatais da China deem um sinal verde em 30 dias. (...) (O Estado de S. Paulo)

3-VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL afeta 1 mulher em cada 5 no Brasil, mostra estudo. Prevalência entre homens é menor; trabalho publicado na revista científica The Lancet avalia crime em 204 países. Por Laiz Menezes. (...) (Folha de S. Paulo)

(*) José Aparecido Miguel, jornalista, diretor da Mais Comunicação-SP, trabalhou em todos os grandes jornais brasileiro - e em todas as mídias. E-mail: jmigueljb@gmail.com

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: MINAS TEM DEPUTADOS E SENADOR RECONHECIDOS

As principais notícias do Correio da Manhã em 14 de maio de 1930 foram: Quinta representação de inquérito reconhece 23 deputados do PRM e 14 da Concentração. Comissão de Poderes do Senado manda reconhecer Olegário Maciel como senador por Minas Gerais.

Congresso nega voto de pesar pela morte do tenente Siqueira Campos. Mermoz inicia sua prova de resistência pela travessia do Atlântico.

HÁ 75 ANOS: EUA EXIGE FECHAMENTO DE CONSULADOS TCHECOS

e Alemanha foram os temas das reuniões das chanceleres das grandes potências ocidentais em Londres; próximo encontro será em Nova York, antes da Assembleia da ONU.

EUA exige o fechamento dos consulados da Tchecoslováquia no país. Brigadeiro aclamado pela UDN.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)

Paulo Bittencourt (1929-1963)

Niomar Moniz Soárez Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)

patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)

redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

WhatsApp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.